

HOSPITAIS

O governo cede: vai pagar mais.

O presidente do Inamps reconheceu que os preços pagos pela Previdência estão defasados e que não haverá mais atrasos nos pagamentos

O relacionamento hostil entre os hospitais do ABC e o Inamps apresentou uma trégua neste final de semana. Os 18 hospitais credenciados pelo Inamps nos sete municípios da região — com 3 milhões de habitantes — ameaçavam romper os convênios com o órgão da assistência social, deixando de atender os milhares de previdenciários da zona de maior concentração operária do País, caso o governo não reajustasse os preços pa-

gos à rede hospitalar, e já haviam encaminhado ao Inamps o pedido unilateral de descredenciamento. Para contornar a crise, o presidente do Inamps, Hésio Cordeiro, reuniu-se no final da tarde de sábado com representantes de hospitais do ABC, tratou de colocar água na fogueira: o Ministério da Previdência Social fará um reajuste de emergência dos preços pagos aos hospitais esta semana e até o próximo dia 20 todos os valores serão

corrigidos de acordo com os índices inflacionários.

Até a trégua decretada no sábado, o quadro da assistência médica no ABC era muito problemático no sistema de atendimento dos previdenciários da região, que tem 22 hospitais. Desses, apenas quatro são públicos (o Municipal de Santo André, as santas casas de Mauá e São Bernardo, além do Nardini, de Mauá, ainda em fase de acabamento). Os outros 18 hospitais são parti-

culares. O Inamps não tem nenhum hospital próprio na região.

Dos 18 hospitais particulares do ABC, quatro já haviam pedido descredenciamento da Previdência no sistema de atendimento dos previdenciários da região, que tem 22 hospitais. Desses, apenas quatro são públicos (o Municipal de Santo André, as santas casas de Mauá e São Bernardo, além do Nardini, de Mauá, ainda em fase de acabamento). Os outros 18 hospitais são parti-

denciamento do Inamps: alegam que o Instituto leva muito tempo para pagar consultas e internamentos dos segurados (muitos hospitais não recebem os serviços prestados desde novembro) e os preços pagos são muito baixos. Por uma diafia hospitalar, o Inamps paga aos hospitais apenas Cz\$ 72,00. Os hospitais acham que o mínimo deveria ser de Cz\$ 260,00. Isso, sem contar outras taxas com valores totalmente irreais, com de-

fassagem de 135% em relação aos custos do mercado.

Segundo Luiz Plínio Toledo, diretor da Associação dos Hospitais do Estado de São Paulo, seccional ABC, o descredenciamento seria uma forma de os hospitais sobreviverem, caso a Previdência não reajuste os preços pagos. "Com o atraso no acerto de contas e baixos preços, os hospitais estão precisando recorrer a bancos para pagar fornecedores e funcionários."

Em função desse quadro, os hospitais do ABC interromperam o atendimento a previdenciários no começo da semana passada e encaminharam documento ao Inamps pedindo descredenciamento. O atendimento entrou em colapso na região. O presidente do Inamps, Hésio Cordeiro, pediu trégua à guerra declarada pelos hospitais, comprometendo-se a estar em Santo André para discutir a situação.

Sábado, no início da noite, chegou-se a um acordo temporário. Hésio Cordeiro disse que os atrasos nos pagamentos ocorreram em função de mudanças na sistemática de processamento das contas e concordou que os preços pagos pela Previdência, estavam defasados. Por isso, prometeu que ainda esta semana o Ministério da Previdência deverá autorizar um reajuste emergencial aos hospitais e que até o próximo dia 20 a comissão mista do ministério, composta também por representantes dos hospitais, deverá definir novos preços para a rede credenciada. Mas exigiu que enquanto os problemas não tiverem solução definitiva, os hospitais não podem deixar de prestar assistência.

Hésio Cordeiro admite que a Previdência Social no País ainda tem muitas falhas, mas entende que o sistema melhorou muito em relação às administrações anteriores A Nova República. "Nosso maior trunfo foi melhorar a administração, adequando os mecanismos de controle, que evitaram a grande sonegação de tributos. Com isso, conseguimos sanear as finanças do Inamps, que somente no ano passado apresentou um saldo de arrecadação de Cz\$ 20 bilhões."

Depois de dizer que as contas da Previdência estão finalmente em dia, Hésio Cordeiro mostrou que a arrecadação do Inamps cresce, mês a mês. "Em janeiro arrecadamos Cz\$ 21 bilhões e em fevereiro já elevamos essa quantia para Cz\$ 23 bilhões." E frisou que esse aumento de arrecadação está sendo repassado aos contribuintes: "Acabamos de aumentar os aposentados em 70%. Isso significará um gasto a mais de Cz\$ 60 bilhões".

Amato, o escolhido para o HC.

Hoje, às 11 horas, na Praça da Tristeza, defronte do prédio da administração do Hospital das Clínicas, funcionários, médicos, docentes e estudantes de medicina reúnem-se em assembleia para discutir a escolha do professor Vicente Amato Neto para a superintendência do Hospital das Clínicas.

Indicado, na sexta-feira, por Orestes Quêrcia, com posse prevista para o próximo dia 1º para uma gestão de quatro anos, Amato foi designado para o cargo depois que o governador consultou a lista tríplice elaborada pelos membros do Conselho Deliberativo do Hospital.

Nesta relação que incluía os nomes dos médicos Seigo Tsuzuki e Fernando Gouveia, não constava o professor Guilherme Rodrigues da Silva, atual superintendente e escolhido, no último dia 12, pelos quase dez mil funcionários do H.C. para permanecer no cargo. Daí o descontentamento da maioria dos membros do hospital.

Segundo Heloísa Marques, atual presidente da Associação dos Médicos, os quatro anos da administração do professor Guilherme transcorreram sem problemas. "Ele mostrou-se interlocutor competente e um mediador interessado nos problemas da comunidade com suas reivindicações ao governo. A indicação de Vicente Amato, embora seja um homem que se identificou de maneira democrática em várias questões da comunidade do HC, não reflete a vontade dos médicos e funcionários, manifestada numa eleição democrática. Insistimos no dr. Guilherme e amanhã (hoje) vamos discutir o que fazer."

Satisfeito com a escolha de Vicente Amato, o professor Erasmo Magalhães Castro de Tolosa, não concorda com a dra. Heloísa. Para ele a gestão do professor Rodrigues da Silva representou uma quebra na hierarquia da instituição, com um total desinteresse pelos doentes e pelo ensino. "O professor Amato é prenúncio de melhores dias para o HC. Ele é um homem em sintonia com o governo, sem compromisso político e, sem dúvida, fará uma boa administração."

Vicente Amato Neto, 59 anos, está no Hospital das Clínicas desde 1946, quando ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, além de professor titular da disciplina Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias, ele ocupa o cargo de coordenador de Aprimoramento Médico da Faculdade de Medicina, diretor do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, coordenador do Programa de Doenças Endêmicas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e presidente do Conselho Consultivo da Central de Medicamentos, do Ministério da Saúde.